

## Mulheres catadoras: articulação política e ressignificação social através do trabalho<sup>1</sup>

*Camila Capacle Paiva<sup>2</sup>*

**Resumo:** Nas cooperativas e associações de catadores de materiais recicláveis, 80% dos trabalhadores são mulheres. Esse artigo tem como objetivo abordar a situação de trabalho e de vida das mulheres catadoras. A precarização e a divisão sexual do trabalho estão presentes nas organizações de catadores, assim como a dupla jornada que as mulheres enfrentam, sendo elas responsáveis pelo trabalho reprodutivo. A maioria das catadoras possui baixa escolaridade. Porém, através do trabalho, elas se organizam, ocupam postos de liderança e lutam por seus direitos, ressignificando, assim, suas vidas.

**Palavras-chave:** Catadoras. Mulheres. Trabalho. Gênero. Reciclagem.

**Women waste pickers: political articulation and social resignification through work**

**Abstract:** In recyclable material waste pickers' cooperatives and associations, 80% of workers are women. This article aims to approach the work and living situation of women waste pickers. The precarization and sexual division of labour are present in waste pickers' organizations as well as the double shifts women face, since they are responsible for reproductive tasks. Most of the women waste pickers have low education. However, it is through work they get organized, occupy leadership roles and fight for their rights, resignifying their lives therefore.

**Keywords:** Waste pickers. Women. Work. Gender. Recycling.

---

<sup>1</sup> Recebido em 30/11/2015 e aprovado em 11/05/2016.

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Contato: camila.capacle@gmail.com.

**Mujeres Recolectoras: articulación política y resignificación social por medio del trabajo**

**Resumen:** En las cooperativas y asociaciones de recolectores de materiales reciclables, 80% de los trabajadores son mujeres. Ese artículo tiene el objetivo de abordar la situación de trabajo y de vida de las mujeres recolectoras. La precarización y la división sexual del trabajo están presentes en las organizaciones de recolectores, así como la doble jornada laboral que las mujeres enfrentan, una vez que son responsables por el trabajo reproductivo. La mayoría de las recolectoras posee bajo nivel educativo. Sin embargo, por medio del trabajo ellas se organizan, ocupan puestos de liderazgo y luchan por sus derechos, y así resignifican sus vidas.

**Palabras clave:** Recolectoras. Mujeres. Trabajo. Género. Reciclaje.

## **Introdução**

Estudos recentes estimam uma população de 400 a 600 mil catadores de materiais recicláveis trabalhando nas cidades de todo o Brasil. Na sua maioria, são catadores autônomos, que vendem o material coletado para atravessadores. Uma parcela dessa população, cerca de 10%, optou por se organizar coletivamente em cooperativas ou associações de catadores. Estudos apontam ao menos 1.100 organizações coletivas de catadores em funcionamento (IPEA, 2010; FREITAS; FONSECA, 2011).

O alto índice de desemprego alcançado nos anos 1990 fez crescer de forma acentuada o trabalho não assalariado e distintas modalidades de trabalho informal, e nem mesmo o movimento de formalização do emprego, que teve início em 2000 e ganhou força em 2003, “conseguiu reverter a alta taxa de informalidade e precariedade do mercado de trabalho brasileiro” (ARAÚJO, 2012, p. 135).

O trabalho dos catadores está integrado, segundo Bosi (2008), ao processo de acumulação capitalista, e a condição de exclusão e miserabilidade em que vivem os qualifica para esse tipo de ocupação, tendo em vista o desemprego, a baixa escolaridade e a elevada faixa etária.

Waldman (2010, p. 17) ressalta que os resíduos se transformaram em uma opção de geração de trabalho e renda para

um “exército de catadores”, que se tornou “aspecto relevante na rotina dos centros urbanos de todo o mundo”.

Entre os catadores organizados em cooperativas e associações, 80% são mulheres (SEMUCSP, 2014). Essa pesquisa tem como objetivo abordar a situação de trabalho e de vida das mulheres catadoras que trabalham nesses grupos organizados.

No Brasil, existe a permanência de aproximadamente 1/3 das mulheres em atividades precárias. Nas últimas três décadas houve uma feminização do mercado de trabalho, com o ingresso de 32 milhões de mulheres, porém sem a superação da tradicional divisão sexual do trabalho (ARAÚJO, 2012; LOMBARDI, 2012).

Muitas mulheres foram trabalhar em cooperativas de reciclagem por estarem desempregadas ou não terem outras possibilidades de emprego. Algumas mulheres fizeram a opção por essa atividade em detrimento de outras, como, por exemplo, o de empregadas domésticas, devido às relações de trabalho mais horizontalizadas (FREITAS; NOBRE, 2012).

Nesses empreendimentos, além da precarização do trabalho, existe uma acentuada separação entre o que é “trabalho de homem” e “trabalho de mulher”, estereótipos que se naturalizam no cotidiano das atividades laborais e que demonstram uma outra questão que é a intrínseca ligação entre trabalho produtivo e trabalho reprodutivo.

Entre os catadores organizados, uma quantidade significativa de mulheres são chefes de família e identificam no trabalho informal uma maior margem para conciliar seus papéis produtivo e reprodutivo, devido a acordos mais flexíveis; porém, é justamente esse o elo de ligação entre gênero e precariedade (WIRTH, 2010).

A organização dos catadores, através do movimento social – Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis – MNCR, tem contribuído para o reconhecimento da profissão e para a conquista de leis e programas, que vêm auxiliando as cooperativas e associações a obter espaços, estrutura, contratos remunerados e demais ferramentas para a sustentação dos

empreendimentos e melhoria da renda dos cooperados, embora as condições de trabalho ainda sejam preocupantes.

Dentro do MNCR surge, no estado de São Paulo, a Secretaria Estadual das Catadoras de Materiais Recicláveis – SEMUCSP, com o objetivo de articular políticas e garantir direitos às mulheres catadoras, que são maioria, mas que ainda precisam ocupar os postos de decisão dentro e fora do MNCR e dos próprios empreendimentos.

A conquista do espaço de trabalho e da remuneração redefine os papéis sociais. A articulação política e o empoderamento dessas lideranças em busca de direitos e melhorias para as trabalhadoras representa uma ressignificação social para essas mulheres.

### **Materiais e procedimentos**

Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos uma breve revisão bibliográfica sobre a questão de trabalho e gênero e, especificamente, sobre essa relação dentro das cooperativas de reciclagem. Analisamos os documentos e vídeos encontrados sobre a criação da SEMUCSP e realizamos uma entrevista com Helena – presidente da Cooperativa Acácia de Catadores de Materiais Recicláveis de Araraquara, que é também uma das representantes da Coordenação Executiva da Secretaria.

Elegemos a Cooperativa Acácia para o trabalho de campo, uma vez que a mesma conta com 182 cooperados, sendo 144 mulheres e 38 homens. O Conselho Administrativo e os Conselhos Fiscal e de Ética são formados exclusivamente por mulheres. Existem 12 coordenações de grupos na cooperativa, sendo que 11 coordenadoras são mulheres. Apesar disso, existe uma clara divisão sexual do trabalho.

Por se tratar de um grupo homogêneo e tendo em vista o objetivo da pesquisa em ressaltar o papel das lideranças, convidamos as mulheres que ocupam os postos de coordenação dentro da cooperativa para compartilhar suas condições de trabalho e de vida. Compareceram ao encontro cinco catadoras: duas são

membros do Conselho Administrativo e três são Coordenadoras de grupos na Usina de Triagem.

A faixa etária variou de 28 a 43 anos. Duas estão casadas, uma delas pela terceira vez, e três estão solteiras, mas já foram casadas. Todas têm filhos. Duas terminaram o ensino médio e estão cursando Técnico em RH – são elas que participam do Conselho Administrativo e trabalham no escritório. As demais têm baixa escolarização – uma terminou o ensino fundamental e as outras duas são analfabetas e não estudaram.

Para reproduzir as falas e dar voz a essas mulheres, preservamos as identidades e as nomeamos por participante I, II, III, IV e V.

#### Trabalho de Campo/Grupo Focal – Cooperativa Acácia 2015

Nome	Idade	Escolaridade	Estado Civil	Filhos(as)	Cargo
I	28	Ensino médio completo	Solteira	1	Primeira Secretária
II	30	Ensino Fundamental completo	Solteira	4	Coordenadora Pré-triagem
III	34	Analfabeta, parou na 2ª série	Casada	4	Coordenadora Pré-triagem
IV	35	Ensino Médio completo	Solteira	1	Tesoureira
V	43	Analfabeta, não estudou	Casada	6	Coordenadora Esteira

O trabalho realizado com elas seguiu o modelo de grupo focal, tendo em vista que essa é uma técnica de pesquisa que consegue captar sentimentos e reações durante as discussões no grupo.

A pesquisa com grupos focais permite o alcance de diferentes perspectivas de uma mesma questão, permite também a concepção de processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, assim como a compreensão de práticas cotidianas, atitudes e comportamentos prevalentes no trabalho com alguns indivíduos que compartilham traços em comum, relevantes para o estudo e investigação do problema em questão (LOPES, 2014, p. 485).

Para o encontro com elas, preparamos 30 questões que nortearam a discussão. Os temas foram: trabalho produtivo e reprodutivo, desigualdades de gênero, educação, qualificação e liderança.

O trabalho não foi diretivo, as questões tiveram apenas o intuito de facilitar e conduzir a discussão. O encontro foi gravado, transcrito e faz parte do Caderno de Campo de uma pesquisa mais ampla sobre Catadores de Materiais Recicláveis em Araraquara/SP.

### **Precarização e Divisão Sexual do Trabalho**

De acordo com Bosi (2008), a cadeia produtiva da reciclagem tem como elemento estruturante a atividade dos catadores. Com base no trabalho precário, a coleta e a separação do material se tornam atividades viáveis e de baixo custo, valendo-se de um grande contingente de desocupados conversível em catadores, compensando o investimento em tecnologia e fazendo expandir a indústria de reciclagem no Brasil.

Gonçalves (2004) também vai dizer que a função do catador é o elemento base do processo da reciclagem. Porém, esse trabalho é visto como última opção pelos desempregados, por se configurar em uma atividade que está sempre disponível (BARBOSA, 2011).

Mesmo desempenhando um trabalho essencial para que os resíduos sejam convertidos novamente em matéria-prima pela indústria, o catador tem que disputar sua função com as empresas

de coleta e sofre a exploração dos atravessadores, que determinam o preço do material, e das empresas recicladoras, que se beneficiam do trabalho de baixo custo/precário (WIRTH, 2010).

Calderoni (1998) demonstra que os catadores atuam em condições insalubres e precárias, e que o esforço físico demandado na atividade é intenso. O rendimento dos catadores varia de acordo com a qualidade e a quantidade de resíduo sólido urbano coletado, mas, principalmente, de acordo com o preço do material no mercado.

É um trabalho precário, realizado em condições inadequadas, com alto grau de insalubridade, sem reconhecimento social, com riscos à saúde e com ausência de garantias trabalhistas. Entretanto, apesar das condições adversas, a catação possibilita a sobrevivência de muitos trabalhadores (BARBOSA, 2011, p. 37).

De acordo com o estudo realizado por Freitas e Fonseca (2011), cerca de 60% das organizações coletivas e dos catadores têm uma renda média abaixo do salário mínimo, e a faixa de instrução mais observada entre eles vai da 5ª a 8ª séries. Leite (2012) também afirma que os catadores fazem parte de uma população marginalizada, com baixa escolaridade, excluídos do mercado de trabalho formal.

Conforme já ressaltamos, 80% dos catadores que estão nas cooperativas ou associações são mulheres e esse aumento do trabalho feminino no setor de reciclagem vem ganhando notoriedade.

Podemos perceber um processo de dualização ou bipolarização da ocupação feminina, inclusive no trabalho doméstico (KERGOAT, 1998; KERGOAT; HIRATA, 2008). De um lado, cresce o grupo de mulheres com alta escolarização, profissões qualificadas e que externalizam o trabalho doméstico para mulheres mais pobres e vulneráveis; de outro lado, “permanece ou se expande o grupo de mulheres com pouca ou nenhuma qualificação, desempenhando atividades não valorizadas, comu-

mente sem contratos nem proteção legal” (LOMBARDI, 2012, p. 118).

No final da década de 2000 as desigualdades de gênero e cor são essenciais na explicação da informalidade, uma vez que os “dados indicam que houve uma redução da participação dos homens e dos brancos(as) e um crescimento da presença de mulheres e dos negros(as)” (ARAÚJO, 2012, p. 160). A autora ressalta ainda que, entre as mulheres, “as não brancas foram as mais penalizadas pelo desemprego, com uma taxa, em 2008, de 11%, contra 8,3 das brancas e amarelas” (ARAÚJO, 2012, p. 164).

A situação nossa como mulher catadora é muito mais complicada do que a das outras mulheres. Pelos dados de agora, do IBGE, as mulheres negras são as mais discriminadas, são as que mais estão morrendo, as que mais passam dificuldades. E a maioria dessas mulheres que estão na catação são negras, com baixa escolaridade, sem moradia... falta política pública de moradia, falta creche, falta respeito por essas mulheres trabalhadoras (PAIVA, 2015, entrevista Helena).

Podemos afirmar que existe uma relação direta entre a precarização do trabalho e o crescimento do número de mulheres nas cooperativas e associações de catadores. Tal relação pode ser explicada pelo baixo grau de escolaridade dessas mulheres, pela falta de oportunidades de emprego formal, assim como pela flexibilidade das regras de trabalho existente nas cooperativas, que tende a se adequar melhor ao peso que as atividades reprodutivas têm em suas vidas.

III: Eu sou analfabeta, tenho a cabeça muito ruim, costumo esquecer das coisas... minha família não parava, minha mãe colocou nós tudo pra roça, eu tava com 11 anos, eu e meus irmãos fomos rastelar café, cortemo cana, algodão e aí ficamos sem estudo. Então hoje eu me tornei essa pessoa assim, eu sei assinar meu nome porque eu aprendi aqui.



II: Estudei até oitava, parei porque arrumei minha filha, aí não tive mais coragem de estudar.

I: No início quando eu parei foi por conta de 'sem-vergonhice', vou falar a verdade. Eu só estudava e praticava esporte, capoeira e futebol e começou a pesar, aí eu larguei a escola com 15. Depois eu voltei a estudar e fiz até o segundo colegial. No terceiro eu engravidei e parei de novo. Voltei agora em 2013 e concluí o ensino médio.

IV: Eu concluí o ensino médio e parei porque engravidei, casei. E agora estou fazendo o curso técnico.

V: Eu nem estudei. Meu pai largou da minha mãe e eu fui morar com minha avó e ela mudava muito porque morava de aluguel e não tinha condições de pagar; o aluguel vencia, ela mudava de lugar, aí fiquei sem escola (PAIVA, 2015, p. 8 e 9).

Wirth (2010, p. 120) chega a concluir, após analisar cooperativas de catadores em Campinas, que a predominância feminina está ligada à precariedade na qual se encontram essas cooperativas. Ela ainda ressalta que a "articulação entre as tarefas produtivas e reprodutivas, que recai quase que exclusivamente sobre as mulheres, é uma das chaves explicativas para a situação comparativamente mais precária de inserção ocupacional da mulher".

IV: Eu acho que a linha de mercado para o homem tem outras opções que talvez sejam economicamente mais viáveis (pedreiro, servente), a oferta lá fora no mercado de trabalho é maior para homem do que para mulher. E eu vejo também aqui a questão da responsabilidade com a casa mesmo, a rotatividade de homens é maior que a de mulher porque 85% das mulheres são arrimo de família, elas que sustentam a própria casa, então param aqui mais do que os homens.

IV: Muito homem vem trabalhar aqui enquanto está com seguro desemprego. Só fica fixo os homens que já

têm algum benefício (aposentadoria, por exemplo), daí eles permanecem na cooperativa (PAIVA, 2015, p. 6).

Outra questão observada no interior desses empreendimentos é a divisão sexual do trabalho, que para Kergoat (2002) é organizada sobre dois princípios que se praticam socialmente: a existência de “trabalho de homem” e “trabalho de mulher” e a hierarquia que perpassa essa divisão, conotando ao trabalho masculino maior importância (e remuneração) do que ao trabalho feminino. Segundo a autora, no mercado de trabalho existe uma segregação horizontal da mulher, que se apoia na hierarquia entre os sexos.

Nas cooperativas de catadores observa-se uma divisão entre o trabalho masculino, ligado à operação de maquinário e à utilização de força física, e o trabalho feminino, que envolve habilidade, agilidade e atenção. As mulheres trabalham predominantemente na coleta e na triagem dos resíduos recicláveis, e os homens no carregamento, na prensagem e na armazenagem do material. Segue abaixo um trecho do trabalho de campo em que as mulheres comentam sobre essa divisão:

IV: A maioria na cooperativa é mulher e aí acaba ficando o serviço de maquinário para os poucos homens que tem. Eu não sei porque dessa cultura.

III: Nós já trabalhamos na prensa.

IV: Aqui tem mulher que trabalha na prensa, assim, na falta de deles. E na rua, por exemplo, o homem só é cargueiro, só cata o material e põe dentro do caminhão, acredito que pelo exercício físico mesmo de erguer o bag para colocar no caminhão, apesar que as mulheres vão para a carga também, quando não tem o homem.

Pesquisadora: É sempre a mulher assumindo a função do homem quando não tem o homem. O homem assume a função que a mulher tem quando precisa? Eles não vão para a esteira, não vão bater na porta dos moradores?

IV: Não, tem uns que vão até embora... que nem hoje, que não tem energia elétrica, não tem como ir para a prensa, tem alguns que preferem ir embora para a casa,

ao invés de ficar aqui fazendo outra coisa, ajudando as mulheres (PAIVA, 2015, p. 4).

Trabalhos como de Souza-Lobo (1991), de Kergoat (2002) e de Freitas e Nobre (2012) evidenciam a existência de uma certa naturalização das habilidades femininas, usada como justificativa para determinar uma remuneração inferior às trabalhadoras, inclusive por essas características não serem reconhecidas como qualificações. Em contrapartida, o trabalho masculino está relacionado à técnica e à utilização de máquinas.

### **Trabalho doméstico e cuidado dos filhos**

Pesquisas indicam que as mulheres continuam sendo as principais responsáveis pelo trabalho reprodutivo (trabalho doméstico, cuidado dos filhos e da família) e que isso repercute no trabalho produtivo, ou seja, afeta diretamente as suas possibilidades de trabalhar e se dedicar à carreira profissional (FCC, 1998; LOMBARDI, 2012).

Essa divisão sexual do trabalho reflete o fato que a maioria dos homens exerce suas atividades no mercado de trabalho capitalista (o chamado “trabalho produtivo”) e as mulheres dividem seu tempo “naturalmente” entre a produção de mercadorias fora de casa e a realização das tarefas domésticas relativas aos cuidados da família (o dito “trabalho reprodutivo”) (CASTILHO; MELO, 2009, p. 137).

Em uma análise feita por Dedecca (2008) sobre a jornada de trabalho, dividindo-a em reprodução social e produção econômica, ele observou que as mulheres, além da jornada dedicada à produção econômica, dispõem uma maior dedicação à reprodução social, ou seja, quanto maior o tempo que a mulher trabalha “fora de casa”, maior sua jornada de trabalho total. O autor entende ainda que, quanto maior a flexibilidade da jornada

no trabalho produtivo, maior a precarização do trabalho, pois “o grau de precariedade da regulação social do trabalho tende a ser amplificada pela pressão sobre o trabalho de reprodução social” (DEDECCA, 2008, p. 294).

O peso para as mulheres das obrigações relativas às atividades reprodutivas permanece como um elemento a influenciar sua inserção e confinamento, principalmente no contexto da informalidade, nas atividades e relações de trabalho mais desqualificadas e desvalorizadas por serem vistas como uma continuidade das tarefas desempenhadas no espaço doméstico (ARAÚJO, 2012, p. 168).

Como vimos, entre as catadoras da Cooperativa Acácia, 85% são chefes de família, e todas as participantes do trabalho de campo afirmaram realizar as tarefas domésticas sozinhas ou com a ajuda dos filhos/as, antes de sair para o trabalho, na volta do trabalho ou aos finais de semana. Mesmo as casadas não contam com a realização do trabalho doméstico por parte dos maridos.

O trabalho associado permite certa conciliação entre o trabalho produtivo e o reprodutivo, devido a acordos mais flexíveis, que lhes permitem enfrentar os problemas privados e se manter no trabalho (WIRTH, 2010).

IV: Aqui, como é cooperativa, não tem umas regras como tem a CLT, quando é mulher na coordenação fica mais fácil a gente identificar e reconhecer o problema da outra, problema com os filhos, com creche quando não funciona, e eu sendo mulher e sendo mãe eu compreendo o problema que ela tem, porque eu também poderia ter, e para o homem já não (PAIVA, 2015, p. 5).

III: Eu tenho muito problema, minha mãe tá doente, eu comecei a mexer com os dentes, eu tenho muitos problemas na minha casa, então eu tenho que perder dia. De primeiro eu não faltava muito, eu vinha certinho, mas eu tenho meus problemas (PAIVA, 2015, p. 10).

Essa flexibilidade do tempo é vista de forma positiva pelas catadoras. Porém, “segue como questão controversa a possibilidade de conciliação entre trabalho e família. Algumas autoras e ativistas descrevem-na de forma positiva, outras problematizam o reforço de papéis tradicionais e a sobrecarga de trabalho das mulheres” (FREITAS; NOBRE, 2012, p. 400).

Além da sobrecarga pessoal, existe o ônus financeiro, uma vez que as horas trabalhadas a menos ou as faltas frequentes acarretam uma baixa de produtividade e, portanto, uma diminuição na renda geral da cooperativa e na renda particular de cada mulher que se ausenta (WIRTH, 2010).

As mulheres que participaram do trabalho de campo em Araraquara relataram que a maior dificuldade doméstica é o cuidado dos filhos, e quando recebem ajuda é de outras mulheres ou dos próprios filhos. Apenas uma das participantes diz que o marido é presente na educação dos filhos.

IV: O mais crítico, quando você volta para casa, não é nem o serviço, é ter ânimo e pique para acompanhar os filhos, que daí é a hora que eles querem atenção e eles não entendem que a sua trajetória começou muito cedo e eles estão lá com pique todo.

III: Meus filhos, eu não vi nenhum crescer. Eu sempre tive “escadinha”, então um vai cuidando do outro, o mais velho cuida do mais novo. Tão tudo criado, mas dá trabalho.

II: Os meus ficam em casa meio período, vão pra escola, dois de manhã e dois a tarde. As duas mais velhas estudam de manhã e chegam a tempo de fazer o almoço e levar as mais novas à tarde na escola (PAIVA, 2015, p. 6 e 7).

Desde 2008, os cooperados da Acácia recolhem o INSS, garantindo às mulheres o direito à licença maternidade. Porém, essa não é a realidade na maioria dos empreendimentos do setor. São frequentes os relatos como o da participante III:

III: Eu sofri, trabalhava até o fim da gravidez. Na época dessa mais nova eu trabalhei até o fim aqui no lixão, carregando material. O pai dela, nós tava juntos há 2 anos e ele começou com a droga. Então, a prima dele veio e levou a filha dele para criar. Os outros cinco foram cuidando um do outro desde bebê. Nunca tive ajuda de família, era eu e eu mesma (PAIVA, 2015, p. 5).

Muitas mulheres ficam afastadas de uma atividade remunerada devido ao casamento, à maternidade ou aos cuidados com a família, com algum idoso. Depois enfrentam certa dificuldade para se recolocar no mercado de trabalho, seja pela idade, pela falta de experiência ou investimento na carreira. “A cooperativa surge para essas mulheres como possibilidade de voltar a ter uma ocupação remunerada” (WIRTH, 2010, p. 194).

### **Luta por direitos e articulação política**

O MNCR, fundado em junho de 2001, é um movimento social que busca a valorização de sua categoria enquanto ocupação, visando garantir o protagonismo de uma classe que é oprimida em meio a um setor tão concorrido e explorado como a cadeia produtiva da reciclagem. O movimento trava uma luta por direitos e melhoria das condições de trabalho, assim como se posiciona contra a incineração e a privatização do lixo. Sua estrutura organizativa é composta por uma Equipe de Articulação Nacional, com 5 membros, um de cada Região do país, por Coordenações Estaduais, Comitês Regionais e as Bases (cooperativas e associações afiliadas) (MNCR, 2014).

Porém, as mulheres catadoras, que são 80% dos catadores associados, não conseguem uma equidade política dentro do MNCR. Por serem maioria e ainda assim terem dificuldade de assumir os cargos na Articulação Nacional, pela necessidade de discutirem questões específicas sobre direitos das mulheres e melhoria das condições de trabalho, saúde e vida, elas se

articularam no estado de São Paulo e, em certa medida, romperam com a estrutura do MNCR.

Que a gente comece a fazer a diferença de fato, porque lá dentro da base, no dia a dia, quem faz a diferença somos nós e quando você olha lá para cima, infelizmente quem está são os homens e a gente tem que mudar isso, porque não é justo, a gente é mais de 80% mulher e a tomada de decisão não está nas mãos da gente (SEMUCSP, 2014: Maria Mônica da Silva, Coopcent ABC, MNRC).

De acordo com Margaret Matos, Procuradora do Trabalho, se a maioria dos catadores são mulheres, a proporção de mulheres na liderança tem que ser maior. Para Ronalda Barreto, da UNITRABALHO, o congresso faz uma discussão muito importante, pois coloca no centro do debate a questão da igualdade de direitos e de oportunidades, a igualdade de participação e o reconhecimento e valorização do trabalho, que vem sendo realizado majoritariamente por mulheres (SEMUCSP, 2014).

O I Congresso Estadual das Mulheres Catadoras de Materiais Recicláveis de São Paulo aconteceu na cidade de Ourinhos/SP, nos dias 01 e 02 de agosto de 2014. Compareceram 236 catadoras cooperadas ou associadas, representando 38 cidades. A demanda pela Secretaria de Mulheres já existia há cerca de quatro anos, e após diversas reuniões o Congresso foi organizado para efetivar essa demanda.

Na plenária, aprovou-se a Secretaria Estadual de Mulheres Catadoras de São Paulo – SEMUCSP, elegeu-se uma comissão de 13 mulheres representantes dos Comitês Regionais do MNCR e uma Comissão Executiva com seis mulheres. O I Congresso Estadual contou ainda com as seguintes oficinas: Violência contra a mulher e juventude; “Trabalho de homem” e “trabalho de mulher” dentro das bases; Mulheres catadoras negras; Mulheres e movimentos sociais; Troca de experiências entre estados; Sexualidade; Políticas públicas para mulheres catadoras.

Abriu bastante a cabeça da gente em relação à disputa de gênero dentro das cooperativas. (SEMUCSP, 2014: Maria Luciana da Silva – Grupo Chico Mendes – Diadema).

E hoje as mulheres estão dando uma aula de política, mostrando que a mulher também é a mãe, ela é a chefe de família, mas ela também sabe discutir política e sabe ir atrás dos seus objetivos (SEMUCSP, 2014: Marilza Aparecida de Lima – MNCR Paraná).

A maioria dos empreendimentos de catadores do estado de São Paulo, segundo Helena, têm presidentes mulheres, e uma das principais preocupações da Secretaria de Catadoras é formar e fortalecer essas presidentes para buscar uma articulação política com as prefeituras de suas cidades, no sentido de pleitear contratos remunerados de prestação de serviços para as cooperativas. “Boa parte dessas mulheres não têm estudo e vão ter que ir lá na prefeitura falar com o prefeito para ele pagar o seu trabalho no município, vão ter que buscar ajuda em uma Câmara Municipal, buscar ajuda de universidades para apoiar o seu projeto” (PAIVA, 2015: entrevista Helena).

A formação política é uma importante bandeira de luta do MNCR e é possível perceber isso nas falas exaltadas das lideranças. Ronalda Barreto (UNEB – UNITRABALHO) ressalta que “é preciso formação política para se ter autonomia. O inimigo não é o homem, mas é uma cultura machista que menospreza a mulher, que não confia na sua capacidade, então sempre nosso esforço é muito maior” (SEMUCSP, 2014: informação verbal).

Porque a gente faz parte, nós somos o Movimento Nacional dos Catadores e a gente nunca quis rachar, a gente quer somar forças, porque as mulheres são a maioria, (...) como que racha se nós somos 80%? Nós somos a maioria. Então, a tomada de decisão tem que estar também nas nossas mãos. A gente decidiu no Encontro que a Matilde ia fazer parte da



Articulação Nacional. Não respeitaram isso, os nossos companheiros não respeitaram isso. (...) tem um ditado que eu ouvia minha mãe dizer: que o oprimido vira opressor. É verdade isso, dentro do MNCR tem isso. A gente tem que mudar (SEMUCSP, 2014: Maria Mônica da Silva – Coopcent ABC – MNRC).

A SEMUCSP realizou, em setembro de 2015, o I Encontro das Mulheres Catadoras do Estado de São Paulo, em Osasco/SP. O encontro foi marcado pela articulação com mulheres de outros movimentos sociais: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Fórum Estadual de Mulheres Negras - SP, Movimento da Economia Solidária, Marcha Mundial das Mulheres (MMM) e Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Campinas; e também por oficinas temáticas. No encerramento ocorreu a “Marcha das Mulheres Catadoras – Lugar de Mulher é onde ela quiser!”, pelas ruas de Osasco (MNCR, 2015).

O trabalho realizado na Cooperativa Acácia nos fez perceber a importância e as dificuldades da liderança feminina na base, ou seja, no interior da organização. Como vimos, na Acácia, todos os cargos de liderança são ocupados por mulheres, com exceção de um coordenador homem.

As mulheres ressaltaram que é mais estressante ser coordenadora ou fazer parte da diretoria, já que elas têm mais responsabilidades. Elas afirmam ainda que a maioria dos coordenadores são mulheres porque estas se identificam mais com a cooperativa e com a causa, têm mais comprometimento, são mais antigas na cooperativa e faltam menos. Outra questão que vem à tona é o fato da cooperativa ser formada por uma maioria de mulheres e estas preferirem ser lideradas por outras mulheres:

III: Às vezes [as mulheres] nem se entendem, mas sabe como é. Por ser homem [referente ao coordenador], tem mulher que já começou a reclamar, tem coisas que ele fala que magoa, as vezes fala palavrão.

II: A mulher quer desabafar, ela vai desabafar com outra mulher, chama a coordenadora.

IV: A relação com a mulher é mais fácil, fica mais fácil a gente identificar e reconhecer o problema da outra (PAIVA, 2015, p. 5).

E como reagem os homens ao serem coordenados por mulheres? E como as coordenadoras entendem essa relação?

III: Tem deles que não gostam, não são todos que obedecem... eu acho que em qualquer firma, em qualquer trabalho que tem coordenadora mulher, você tem que ter pulso firme, porque se você começar a reganhar os dentes para eles, começar a conversar demais, eles entram feio.

IV: Tem que ter muito cuidado da relação de amizade não virar liberdade, porque aí o trabalho fica difícil.

III: Tem deles que não aceitam coordenadora mulher, não há meio de colocar na cabeça deles. Faz o serviço porque eu brigo, senão não vai não, eles fazem, mas não gostam (PAIVA, 2015, p. 5 e 6).

As mulheres encontram inúmeras dificuldades na base, mas vêm garantindo direitos e espaços de decisão, da mesma forma em que se articulam no estado de São Paulo. A SEMUCSP lançou uma campanha: “Mulher bonita é mulher que luta!”, com o intuito de vencer os estereótipos empregados à mulher e chamar as catadoras para a luta por direitos e melhores condições de trabalho. “Porque mulher bonita é só mulher magra, alta, bem vestida, pele linda? Para nós, mulher bonita é a que está na luta, no dia a dia, todos os dias... nós somos bonitas!” (PAIVA, 2015, entrevista Helena).

### **Resignificação social: considerações finais**

Sendo as mulheres as mais atingidas pelo desemprego e submetidas ao trabalho precário e informal, as cooperativas de

catadores de materiais recicláveis oferecem uma oportunidade de acesso ao trabalho e à renda, garantindo o sustento e até mesmo a inclusão social de milhares de mulheres. A participação em espaços de decisão contribui para maior autonomia das mulheres.

Observamos na Cooperativa Acácia mulheres que procuraram a cooperativa devido ao desemprego e à falta de oportunidade no mercado formal ou que estiveram desde criança na atividade de catação. Mulheres com baixa escolaridade e qualificação profissional. Mães e chefes de família que enfrentam dificuldades em conciliar o tempo entre o trabalho (produtivo) e o cuidado dos filhos.

Mulheres catadoras que entenderam a cooperativa como um espaço de trabalho em que é possível conversar e ter seus problemas validados. Mulheres que assumiram a coordenação da cooperativa e que se utilizam de “pulso firme” para organizar o trabalho. Mulheres que voltaram a estudar, que recebem formação política e que aprendem a importância da comunicação.

IV: Só que a Acácia me proporcionou várias oportunidades que em outro serviço qualquer eu não teria. Que nem eu costumo dizer, aqui eu já fui tomar café com o Presidente, se eu fosse empregada doméstica ou atendente em uma loja eu não teria essa oportunidade. E essas coisas valorizam a gente e fazem com que a gente goste do que a gente faz, apesar de ser cansativo, de ter as dificuldades. Hoje poderia ter maquinário que facilitasse nosso serviço (PAIVA, 2015 3).

III: Eu vou ver se eu volto a estudar ano que vem, porque está ficando difícil pra mim, agora que eu tô ficando mais velha é que eu tô se interessando em voltar a estudar, porque é muito ruim (PAIVA, 2015, p. 8).

IV: Tem um entusiasmo de quando a gente é coordenadora, porque a gente vê nosso esforço reconhecido, se você foi identificado no meio de tantos para ser coordenadora, é sinal que a gente é uma pessoa comprometida e isso estimula a gente.

Eu fui assumindo responsabilidades e isso estimulou até minha vida pessoal, porque aí eu peguei gosto em voltar a estudar. Eu ainda quero estudar para ser assistente social (PAIVA, 2015, p. 10).

As cooperadas, em geral, se sentem mais fortes e capazes de lutar por seus direitos. Criam laços de afetividade e reciprocidade que fortalecem suas relações familiares e desempenham um papel fundamental para o enfrentamento dos problemas cotidianos.

É através do trabalho também que muitas mulheres se sentem motivadas a voltar a estudar, a participar de cursos, encontros, congressos, viagens de trabalho. Conhecem mulheres catadoras de outras cidades, que vivem realidades tão diferentes e tão próximas ao mesmo tempo. Recebem formação política, entendem o que é disputa de gênero dentro das organizações de que participam, percebem a violência doméstica, a discriminação racial e a exclusão social a que são submetidas. Reconhecem o machismo, a falta de oportunidades, a naturalização das diferenças entre os sexos.

As mulheres se organizam dentro da base (cooperativas e associações), ocupam cargos de representatividade, assumem responsabilidades, se articulam politicamente nas instâncias estaduais e nacionais de representação da categoria, lançam campanhas, imprimem panfletos, vestem camisas próprias e pintam de lilás as bandeiras de luta. Tudo isso para dizer que estão ressignificando suas vidas e, portanto, seu papel social. Elas têm consciência de que a luta é difícil e longa, mas que é necessário dar o primeiro passo, e ele foi dado.

## Referências

ARAÚJO, A. M. C. Informalidade e relações de gênero. In: GEORGES, I.; LEITE, M. P. (orgs.). **Novas configurações do trabalho e economia solidária**. São Paulo: Annablume, 2012, p. 135-172.

BARBOSA, M. **Condições de trabalho em unidades de triagem de resíduo sólido em quatro cooperativas de Campinas, SP:** caracterização e percepção de catadores. Tese (Doutorado) – Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

BOSI, A. P. A organização capitalista do trabalho informal: o caso dos catadores de recicláveis. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 67, p. 101-116, jun. 2008.

CALDERONI, S. **Os bilhões perdidos no lixo**. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH-USP, 1998.

CASTILHO, M.; MELO, H. P. Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz? **Revista Economia Contemporânea**, v. 13, n. 1, p. 135-158, jan./abr. 2009.

DEDECCA, C. S. Regimes de trabalho, uso do tempo e desigualdade entre homens e mulheres. In: COSTA, A. O.; SORJ, B.; BRUSCHINI, C. HIRATA, H. (orgs.). **Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008, p. 279-298.

FCC – FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. Banco de dados sobre o trabalho das mulheres, 1998. **Série Mulher, trabalho e família**. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/bdmulheres/serie2.php?area=series>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

FREITAS, L. F. S.; FONSECA, I. F. **Caderno Diagnóstico – Catadores**. IPEA, 2011. Disponível em: <[http://www.cnrh.gov.br/projetos/pnrs/documentos/cadernos/04\\_CADDIAG\\_Catadores.pdf](http://www.cnrh.gov.br/projetos/pnrs/documentos/cadernos/04_CADDIAG_Catadores.pdf)>. Acesso em: 30 out. 2015.

FREITAS, T. V.; NOBRE, M. Possibilidades e limites na construção de igualdade de gênero na Economia Solidária. In: GEORGES, I.; LEITE, M. P. (orgs.). **Novas configurações do trabalho e economia solidária**. São Paulo: Annablume, 2012, p. 399-421.

GONÇALVES, R. S. **Catadores de materiais recicláveis: trajetórias de vida trabalho e saúde**. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública)

– Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, 2004.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Pesquisa sobre Pagamento por Serviços Ambientais Urbanos para Gestão de Resíduos Sólidos**. Relatório de Pesquisa. Brasília: IPEA, 2010.

KERGOAT, D. La division de travail entre les sexes. In: KERGOAT, J. (org.). **Le monde du travail**. Paris: La Découverte, 1998, p. 319-327.

\_\_\_\_\_. Percurso pessoal e problemática da divisão social e sexual do trabalho. In: HIRATA, H. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo, 2002.

\_\_\_\_\_; HIRATA, H. Divisão sexual do trabalho profissional e doméstico Brasil, França e Japão. In: COSTA, A. O.; SORJ, B.; BRUSCHINI, C. HIRATA, H. (orgs.). **Mercado de trabalho e gênero: Comparações internacionais**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008, p. 263-278.

LEITE, M. P. Cooperativas e trabalho: um olhar sobre o setor de reciclagem e fábricas recuperadas em São Paulo. In: GEORGES, I.; LEITE, M. P. (orgs.). **Novas configurações do trabalho e economia solidária**. São Paulo: Annablume, 2012, p. 227-267.

LOMBARDI, M. R. Anotações sobre desigualdades de gênero no mercado de trabalho. In: GEORGES, I.; LEITE, M. P. (orgs.). **Novas configurações do trabalho e economia solidária**. São Paulo: Annablume, 2012, p. 109-134.

LOPES, B. E. M. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 3, n. 2, ago./dez. 2014.

MNCR – MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS REICLÁVEIS. Disponível em: <[www.mncc.org.br](http://www.mncc.org.br)>. Acesso em: 10 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. **Mulheres catadoras**. Disponível em: <<http://www.mncc.org.br/setores/mulheres-catadoras>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

PAIVA, C. C. **Caderno de Campo da pesquisa com catadores de materiais recicláveis de Araraquara**: entrevista com Helena, presidente da Acácia e grupo focal com participantes I, II, III, IV e V. Doutorado, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Unicamp, IFCH, 2015.

SEMUCSP. **Assim nasceu a Secretaria das Mulheres Catadoras de Materiais Recicláveis do Estado de São Paulo**. Produzido por Coopcent ABC com patrocínio da Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES, do Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, set. 2014.

SOUZA-LOBO, E. **A classe operária tem dois sexos**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

WALDMAN, M. **Lixo: cenários e desafios**: abordagens básicas para entender os resíduos sólidos. São Paulo: Cortez, 2010.

WIRTH, I. G. **As relações de gênero em cooperativas populares do segmento da reciclagem**: um caminho para a construção da autogestão. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2010.